



## Dois marranos e um bruxo: Antônio José e Baruch Espinosa na poesia de Machado de Assis

Two Marranos and a Warlock: Antônio José and Baruch Spinoza in the Poetry of Machado de Assis

Kênia Maria de Almeida Pereira\*

**Resumo:** A poesia de Machado de Assis ainda é pouco estudada e compreendida nas pesquisas acadêmicas. Dentre as dezenas de poemas homenageando importantes escritores canônicos, presentes no livro *Ocidentais*, interessa-nos dois em especial para nossos comentários: “Antônio José” e “Espinosa”. Machado de Assis dialoga com a obra desses dois escritores, apontando também para o fato de que tanto Antônio José como Espinosa pertenceram a famílias de cristãos-novos e foram perseguidos pela intolerância religiosa.

**Palavras-chave:** Antônio José. Espinosa. Machado de Assis.

**Abstract:** Machado de Assis’ poetry remains little studied and comprehended in academic researches. Among the sets of ten poems which pay homage to important canonical writers, in the book *Ocidentais*, there are two which interest us more especially to our remarks: “Antônio José” and “Espinosa”. Machado de Assis dialogue with the works by these two writers, also marking that both Antônio José and Espinosa belonged to New Christian families and were persecuted by religious intolerance.

**Keywords:** Antônio José. Spinoza. Machado de Assis.

A poesia de Machado de Assis é ainda pouco conhecida e pesquisada no meio acadêmico. Muitos estudantes de Letras, mesmo os das pós-graduações, desconhecem o Machado lírico, criador de inúmeros sonetos, quadras e redondilhas. Poucos sabem, mas o autor de *Quincas Borba* começou sua vida literária como poeta. Foi fazendo sonetos para os jornais que o escritor de *Dom Casmurro* se firmou no mundo literário. Assim, tem razão Manuel Bandeira quando comenta que “Machado de Assis poeta tornou-se uma vítima do Machado de Assis prosador”.<sup>1</sup> E como muito bem aponta Marcelo Corrêa Sandmann, Machado foi “um grande conhecedor da tradição da poesia e das tendências poéticas de seu tempo, em língua portuguesa ou noutras literaturas, bem como de um excelente artesão do verso”.<sup>2</sup> Antônio Houaiss, por sua vez, atenta também para a questão de que Machado era um “seguro senhor das técnicas poéticas”.<sup>3</sup> Já para Mário Curvello,<sup>4</sup> Machado nunca deixou de ser poeta. A poesia está, de fato, presente em todo o universo ficcional deste romancista, uma vez que ela se “articula de modo específico com a organicidade do conjunto de sua produção, sendo uma de suas engrenagens”.<sup>5</sup>

Depois de publicar *Crisálidas* (1864), *Falenas* (1870), *Americanas* (1875), Machado irá lançar seus poemas da maturidade, intitulado *Ocidentais*. Este é talvez o livro de poesia mais elaborado e mais denso desse autor. Publicado em 1901, em conjunto com suas *Poesias completas*, quando Machado tinha 62 anos, é obra de elaboração e fôlego. Em *Ocidentais* encontram-se seus mais conhecidos e citados poemas, como os famosos “A mosca azul”, “Círculo vicioso” e “O desfecho”. Composto de 23 poemas das mais diversas formas (a maioria são sonetos, mas encontram-se também trovas, sextilhas, décimas), *Ocidentais* homenageia importantes escritores que marcaram o mundo ocidental, espécie de ode ao passado literário, aos pensadores canônicos e fundamentais, enfim, toda uma tradição que dá sustentáculo ao pensamento e à estética machadiana. Dentre esses poemas, temos homenagens a Artur de Oliveira (“A Artur de Oliveira, enfermo”), a Edgar Allan Poe (tradução de “O corvo”), a

Shakespeare (“To be or not to be”), a “Gonçalves Crespo”, a José de Alencar (“Alencar”), a “Camões”, a “José de Anchieta”, a “Dante”, e, curiosamente, dois poemas intrigantes: um homenageando o filósofo cristão-novo Baruch Espinosa (“Espinosa”), o outro, o dramaturgo Antônio José da Silva, o Judeu (“Antônio José”).

Para Flávia Amparo a tônica de *Ocidentais* gira em torno da

[...] civilização do Ocidente sob uma ótica literária, a partir de uma filosofia pautada numa realidade em que o sofrimento assume o centro das discussões, assim como reflete a condição humana, as ilusões da vida, a destruição pela morte. Definitivamente a imagem que se tem da civilização ocidental é a de uma humanidade cindida, entre razão e sentimento, entre interior e exterior, entre pensamento e ação, entre forma e fundo.<sup>6</sup>

Assim, levando-se em consideração as questões da vida ocidental contraditória, mesclada ao sofrimento e à morte trágica de algumas personalidades importantes, como aponta Flávia Amparo, resolvemos analisar dois interessantes poemas de *Ocidentais*: “Antônio José” e “Espinosa”. Tanto Antônio José como Espinosa tiveram suas trajetórias marcadas pela violência e pelo preconceito. Ambos eram de famílias judaicas convertidas forçosamente ao catolicismo. Ambos experimentaram uma época em que os judeus ou cristãos-novos, batizados no Cristianismo, também eram pejorativamente chamados de marranos, palavra espanhola para designar uma raça de porco. Tanto Espinosa como Antônio José enfrentaram a Europa da censura, do fanatismo religioso, da perseguição ao livre pensamento.

Mas esta não foi a primeira vez que o “bruxo do Cosme Velho” enfocou a temática judaica em sua poesia. Em 1875, ele irá incluir em *Americanas*, o belo poema intitulado “A cristã-nova”. Nessa poesia narrativa o autor expõe o triste episódio de um pai e sua filha, ambos hebreus, vítimas do Santo ofício, os quais são levados do Brasil para julgamento e morte na Europa. Para Anita Novinsky não “há dúvida de que Machado de Assis sentia a questão judaica e olhava com profunda simpatia para o percurso dos judeus através da história”.<sup>7</sup> Novinsky acrescenta ainda que, quanto ao poema “A cristã-nova”, é a antítese entre os horrores da Inquisição e a pureza dos sentimentos singelos da indefesa família de judeus o que move a temática dos versos. “A contradição, condição essencial do homem, Machado a coloca na natureza e na alma”.<sup>8</sup>

A contradição, aliás, será também o *leitmotiv* dos poemas que homenageiam respectivamente Antônio José e Espinosa. Com certeza, não foi de forma aleatória que Machado colocaria Antônio José e Espinosa ao lado de Shakespeare, Poe, Dante, Camões, figuras com as quais, aliás, Machado mantém inequívocos diálogos intertextuais.

Em homenagem a Antônio José, Machado elaborou esta melancólica elegia, destacando, em epígrafe, a data da trágica morte deste dramaturgo:

Antônio José  
(21 de outubro de 1739).

Antônio, a sapiência da Escritura  
Clama que há para a humana criatura  
Tempo de rir e tempo de chorar;  
Como há um sol no ocaso, outro na aurora.  
Tu, sangue de Efraim e de Issacar,  
Pois que já riste, chora.<sup>9</sup>

Nesse poema curto de seis versos, com estrofe heterométrica em que os decassílabos iniciais deságuam no hexassílabo final, ou no heroico quebrado, já podemos notar aquilo que Mário de Andrade nomeia de “minucioso aprendizado técnico” mesclado à “segurança com que o assunto se desenvolve”.<sup>10</sup> Já no início do poema Machado evoca as ambiguidades e oposições da “sapiência da escritura”, a qual faz coro com a vida também contraditória e antitética de o Judeu, uma vez que ele experimentou tanto o riso da comédia como o sofrimento de uma morte ignominiosa. Se *Eclesiastes* apresenta-nos a filosofia das contradições e dos paradoxos, já que “há para a humana criatura” tempo de “rir e tempo de chorar”; “tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou”; “tempo de nascer e tempo de morrer”; também Antônio José experimentou a dubiedade de um Portugal que lhe deu tanto a doce glória dos palcos como a infamante morte na fogueira. Tanto O Judeu conheceu a alegria e o gargalhar das plateias como as lágrimas e os gritos de dor das vítimas do Santo Ofício.

Machado enfatiza ainda a descendência judaica de Antônio José ao fazer menções às grandiosas tribos de Efraim e Issacar. Efraim era neto de Jacó e sua descendência deu origem a figuras famosas do primeiro testamento como Josué, Débora e Samuel. Issacar, filho de Jacó, também deu origem a uma das principais tribos do lado oriental do Tabernáculo, ao lado de seus irmãos Judá e Zebulom. Essas referências na pena de Machado não são de forma nenhuma aleatórias, já que a perseguição ao grupo hebreu remonta aos tempos bíblicos, desde a errância de Abraão pelo deserto, tendo se acirrado no Renascimento com a Inquisição portuguesa e a queima de milhares de cristãos-novos, dentre eles, muitos poetas e artistas como o próprio autor de *Guerras do alecrim e da manjerona*.

De nada adiantou a longínqua descendência bíblica de o Judeu, tampouco sua reputação como dramaturgo genial, muito menos suas oito intrigantes comédias joco-sérias, as quais faziam a alegria do povo e da corte, afinal, como bem cantou Machado nos versos finais deste poema: “há um sol no ocaso, outro na aurora”. Antônio José, em 1739, perdeu a vida com 34 anos, no auge da fama e da criatividade. Infelizmente, as contradições do *Eclesiastes* se comprovaram mais uma vez. O Judeu que tanto riu e fez rir, ironicamente morreu chorando e clamando por justiça: “Pois que já riste, chora”.

Além desta sextilha, Antônio José aparece citado outras vezes na obra de Machado de Assis. O criador de Capitu era realmente fascinado pela dramaturgia de o Judeu. No capítulo “XII / Um Episódio de 1814”, de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, por exemplo, o “bruxo do Cosme Velho”, lançando mão da sua veia irônica, faz questão de colocar na boca do galanteador doutor Vilaça, antes dele engendrar o comprometedor beijo em Dona Eusébia, um trecho da ópera *Anfitrião, ou Júpiter e Alcmena*, de Antônio José:

Dona Eusébia levou o lenço aos olhos. O glosador vasculhava na memória algum pedaço literário e achou este, que mais tarde verifiquei ser de uma das óperas do Judeu: – Não chores, meu bem; não queiras que o dia amanheça com duas auroras. Disse isto; puxou-a para si; ela resistiu um pouco, mas deixou-se ir; uniram os rostos, e eu ouvi estalar, muito ao de leve, um beijo, o mais medroso dos beijos.<sup>11</sup>

Machado vai semeando também ao longo de suas crônicas outras referências ao teatro de O Judeu. Nas crônicas reunidas sobre o título de *Balas de estalo*, Antônio José é citado três vezes. Ora despretensiosamente, de memória, como se lê na crônica nº 48:

Mas no dia seguinte, que o diabo diz que também é dele, vereis o meu pobre Calisto arrimado a alguma porta ou esquina. À espreita de algum sucesso que passe, desconsolado como na ópera de nosso Antônio José: Tão alegres que fomos, tão tristes que viemos [...]<sup>12</sup>

Ora de forma mais pontual, como se pode ler na crônica nº 81: “Não podendo estar abertas as da loja de grinaldas, foi muito melhor fechá-las. ‘É assim que eu gosto dos médicos especulativos’ dizia um personagem de Antônio José”.<sup>13</sup>

O Judeu é ainda lembrado rapidamente em uma das crônicas reunidas com o título de “A semana:” “O nosso Domingos de Magalhães foi diplomata e poeta. Não conheço as suas notas, mas li os seus versos, e regalei-me em criança com o Antônio José...”<sup>14</sup>

Ao final do livro de contos *Relíquias de casa velha*, Machado de Assis irá anexar um artigo denso e elaborado sobre o Judeu. Um dos momentos mais interessantes deste texto é a minuciosa análise elaborada por Machado em torno do discurso intertextual mantido por Antônio José com o comediógrafo Molière. O criador de *Quincas Borba* elabora um minucioso estudo comparativo entre *Anfitrião ou Júpiter e Alcmene*, publicada em 1736 pelo Judeu e o *Anfitrião*, de Molière, de 1668:

Vamos agora a o que Judeu imitou diretamente de Molière. Há na comédia de aquele caráter, o de Cornucópia, mulher de Saramago, que não tem equivalente na de Plauto, nem na de Camões, e só na de Molière existe [...] Ora bem, a situação e o caráter de Cléanthis transportou-os o Judeu para o seu Anfitrião, e não se pode dizer encontro fortuito, senão deliberado propósito. Basta cotejá-los com espírito advertido; a diferença é de tom, de estilo; substancialmente a invenção é a mesma; as próprias ideias reproduzem-se às vezes na obra de o Judeu. Assim, logo na cena em que Mercúrio transformado em Saramago (Sósias) encontra a mulher deste, achamos o traço comum aos dois poetas.<sup>15</sup>

Assim, pegadas de Antônio José vão marcando os textos de Machado de Assis. Aqui e ali, ouvem-se os ecos de o Judeu a entrelaçar-se às vozes machadianas, até culminar no poema-ode, no poema-homenagem. Mas, como apontamos antes, não só o cristão-novo Antônio José irá frequentar a obra machadiana, outro escritor marrano será evocado na poesia do “bruxo”. Assim, para o filósofo Espinosa, Machado criou o seguinte poema:

Espinosa

Gosto de ver-te grave e solitário,  
Sob o fumo da esqualida candeia,  
Nas mãos a ferramenta de operário,  
E na cabeça a coruscante ideia.

E enquanto o pensamento delinea  
Uma filosofia, o pão diário  
A tua mão a labutar granjeia  
E achas na independência o teu salário.

Soem cá fora agitações e lutas,  
Sibile o bafo aspérrimo do inverno,  
Tu trabalhas, tu pensas, e executas  
Sóbrio, tranquilo, desvelado e terno

A lei comum, e morres, e transmutas  
O suado labor no prêmio eterno.<sup>16</sup>

Podemos observar nesse soneto de versos decassílabos que são também as contradições e as antíteses as marcas da vida trágica do filósofo Espinosa. Já na primeira estrofe, ele nos é apresentado pelo filtro do olhar ambíguo de Machado. Para “o bruxo do Cosme Velho”, o autor da *Ética*, era um pensador solitário que, enquanto lidava com a técnica elaborada de polir lentes, em sua cabeça desenvolvia-se um dos mais elaborados e sistemáticos pensamentos filosóficos do mundo ocidental.

Em 1656, por proferir opiniões heréticas acerca do pensamento de Descartes, a comunidade judaica de Amsterdã decretou oficialmente a excomunhão de Baruch Espinosa. Ele foi expulso da comunidade hebraica, amaldiçoado pelos rabinos, execrado pelos amigos e familiares. A sentença expedida pela sinagoga holandesa contra o rebelde filósofo panteísta que ousou escrever “Deus está diluído na natureza” e que “acreditar em milagres é uma superstição”, era rígida e impiedosa, em alguns trechos se pode ler: “que ninguém lhe pode fallar bocalmente nem por escrito, nem dar-lhe nenhum favor, nem debaixo de techo estar com elle, nem junto de quatro côvados , nem leer papel algum feito ou escrito por elle”.<sup>17</sup>

A professora Marilena Chauí<sup>18</sup> comenta que, logo depois dessa violenta expulsão da comunidade judaica, Espinosa irá experimentar consequências muito ruins para sua vida pessoal. Ele foi, por exemplo, deserdado pelos irmãos da herança da família. Pobre e sem ter a quem recorrer, discriminado por ser um excomungado, o apurado e polêmico filósofo foi em busca de uma profissão técnica para seu sustento. Machado não se esqueceu deste episódio. E acentua que Espinosa colocou “nas mãos a ferramenta de operário”. Marilena Chauí acrescenta que Baruch, “pondo em prática uma regra de vida dos antigos sábios judeus, aprendeu a polir lentes para lunetas. Saiu-se tão bem no ofício que a clientela aumentou rapidamente, fornecendo-lhe o suficiente para viver”.<sup>19</sup>

Machado reinventa um pensador “grave e solitário”, o qual polindo lentes e elaborando a “coruscante ideia”, surpreendia a Europa renascentista com seu pensamento radical e revolucionário. Scruton observa que

Espinosa levou vida casta e estudiosa, tendo recusado a oferta de um professorado em Heidelberg e desenvolvido seu pensamento em correspondências com outros escritores científicos e filosóficos. Seus interesses eram diversificados, abrangendo política, direito, estudos bíblicos e pintura, bem como matemática e ciências físicas.<sup>20</sup>

Machado diz na segunda estrofe que “enquanto o pensamento delineia uma filosofia, o pão diário a sua mão granjeia”. Enquanto vai polindo lentes, Espinosa pensa e escreve compulsivamente. Escreveu, ao todo, quatro importantes obras: *Ética*, *Tratado da correção do intelecto*, *Tratado sobre a religião e o Estado*, *Princípio da filosofia cartesiana*. Nas estrofes finais, Machado lembra-nos que “o suado labor” deste filósofo nos dará no futuro “o prêmio eterno”. Assim, não deve ser por acaso que os estudiosos da obra do escritor da *Ética*, quase sempre reafirmam a extrema atualidade deste pensador. António Damásio, por exemplo, aponta que Espinosa, hoje, “é profundamente relevante para qualquer discussão entre a emoção e sentimentos humanos”.<sup>21</sup> Para Marilena Chauí, “a filosofia de Espinosa permanece atual, já que tem sido lida “como pensamento fundamental para as formulações contemporâneas sobre a Natureza, o homem, a história e a política”.<sup>22</sup> Para Deleuze,<sup>23</sup> Espinosa é o filósofo do conatus. Ou o filósofo que reafirma a vida e o impulso da alegria. Na filosofia espinosana, *conatus* é o desejo de todo ser humano de permanecer vivo e atuante. Para Roger Scruton a filosofia de Espinosa “foi uma tentativa de reconciliar a perspectiva religiosa com a visão científica”.<sup>24</sup>

Assim, Machado evoca em seu soneto um pensador que se divide entre o mundo exterior que se lhe apresenta cheio de “agitações e lutas”, e que, mesmo diante do mais “aspérrimo inverno”, se recolhe solitário para pensar de forma refinada. Dessa forma, em ritmados e melódicos versos, Machado

chama atenção para o fato de que Espinosa pensa e trabalha “Sóbrio, tranquilo, desvelado e terno”. A maneira efetiva e lírica com que Machado de Assis descreve o filósofo nesse soneto irá revelar, desde o início, um poeta que, nas palavras de Claudio Leal, soube aliar a “formação autodidata a um exigente apuro da técnica poética”.<sup>25</sup>

Dessa forma, se lá fora há o turbilhão de problemas, Espinosa trabalha tranquilo em um de seus mais importantes textos: *Tratado teológico-político*: obra polêmica que questiona as verdades absolutas da Bíblia: “Nas Sagradas Escrituras não há, propriamente verdades eternas, mas preceitos morais muito simples, dirigidos à alma do crente, e ordenamentos políticos destinados apenas ao antigo estado hebraico”.<sup>26</sup> Percebemos que não é por acaso que ele foi odiado e amaldiçoado em sua época. E não por acaso também é considerado extremamente atual, sendo apontado por muitos pesquisadores como um dos pilares da filosofia contemporânea.

Espinosa foi pensador inquieto e que se interessou por múltiplos assuntos. Em sua obra intitulada *Ética*, por exemplo, ele aborda a essência e a existência de Deus; sobre a natureza e a origem da mente, a servidão humana, a democracia e a liberdade humana, bem como a origem e natureza dos afetos. Aliás, este último tópico sobre a questão dos afetos, Espinosa se interessa vivamente sobre o estado de alegria que deveria reger as relações humanas. Para Espinosa a “alegria é a passagem do homem de uma perfeição menor para uma maior”. (ESPINOZA, 2011, p. 141). Espinosa observa ainda que os homens deveriam buscar sempre agir em busca da alegria já que “a tristeza, em troca, é uma afeto pelo qual a potência de agir do corpo é diminuída ou refreada. Portanto, a alegria é diretamente boa”.<sup>27</sup>

Assim sendo, a filosofia de Espinosa irá questionar o fanatismo religioso e propor a liberdade de pensamento. Irá questionar o conceito judaico-cristão de Deus e propor uma concepção de autonomia no lugar da tristeza e do ódio. Wanderley Oliveira intitula Espinosa de “um pedagogo da alegria”, o qual

[...] denuncia todo sentimento triste, que não comendo com nossa natureza, diminui nossa força para existir, nossa potência para agir, sendo-nos por isso nocivo, mau e inútil. Espinosa erige uma filosofia em prol da alegria, pois só a alegria compõe com nossa natureza e aumenta nossa força para existir ou nossa potência para agir sendo-nos, por isso, útil e boa [...]<sup>28</sup>

Curiosamente, tanto Espinosa como Antônio José apostaram no humor: discurso gerador de alegria. O Judeu escreveu o conto “Obras do diabinho da mão furada” e mais oito peças teatrais; em quase todas elas, percebe-se o diálogo carnalizado com a mitologia Greco-romana: *Anfitrião ou Júpiter e Alcmena; Os encantos de Medeia; Esopaida, ou a vida de Esopo; Precipício de Faetonte*. Há ainda releituras satíricas dos grandes clássicos espanhóis como *A vida do grande Dom Quixote de La Mancha e do Gordo Sancho Pança*, e ainda um deboche à cultura popular com a conhecida opereta *Guerras do Alecrim e Manjerona*. Todas as suas comédias estão moldadas no estilo joco-sério, no burlesco, na linha da *commedia dell'arte*. Tendo por lema “zombando se dizem as verdades”, Antônio José fez Portugal gargalhar e refletir sobre o fanatismo religioso, o charlatanismo dos médicos, a justiça incipiente. Também para Espinosa, o sentimento de alegria deve ser o afeto que deveria prevalecer sobre a tristeza. Se Espinosa escreveu contra a escravidão e propôs uma humanidade livre, se criticou tanto o fanatismo cristão como o judaico, também ousou dizer que é pelo viés da alegria que a vida pode ser mais bem vivida.

Tanto os pais de Espinosa como os de Antônio José foram perseguidos pela fé religiosa. Famílias criptojudaicas eram condenadas por permanecerem secretamente na fé hebraica mesmo após a conversão ao cristianismo. Os pais de Espinosa fugiram dos rigores do Santo Ofício da Espanha para Portugal e depois para a Holanda. Espinosa nasceu em Amsterdã em 1632. Depois de ser

excomungado por suas afirmações polêmicas, de escrever quatro importantes obras e passar grande parte da vida polindo lentes para sobreviver, adquiriu uma grave doença nos pulmões que o levará à morte em 1677, aos 45 anos, no auge de seus questionamentos filosóficos. Para Ricardo Forster, o marrano Espinosa “é o nome da ruptura, do duplo exílio, da despedida de uma tradição e de uma comunidade que já não podia acolhê-lo, e na qual ele não podia viver, simplesmente porque seu caminho filosófico o levava para fora de toda verdade revelada e de todo teleologismo”.<sup>29</sup>

Vinte oito anos depois, em 1705, nasce, no Rio de Janeiro, Antônio José da Silva, o Judeu. Sua família, tal qual a de Espinosa, irá conhecer os rigores da Santa Inquisição. Seus pais, irmãos, avós, primos e tios são levados para Lisboa como réus do Santo ofício. Condenados por criptojudaísmo, nunca mais puderam voltar ao Brasil. Antônio José estuda direito e, enquanto advogava, escrevia e dirigia comédias, levando para o teatro do Bairro Alto de Lisboa seus bonecos gigantes de cortiça, até ser preso e condenado à morte na fogueira. Além de ser criptojudeu, também satirizou mordazmente a sociedade lisboeta de setecentos. Pagou com a vida pela ousadia. Da boca de seus graciosos ou bobos da corte, saem deliciosas zombarias, como estas:

Sancho: Ó Meirinho, ide à gaveta da minha papeleira de chorão da Índia, e entre outras bugiarias que lá tenho, tirai uma justiça pintada que lá está, e dai a este homem, e que se vá embora.

Homem: Senhor, eu não quero justiça pintada.

Sancho: pois beberrão, não sabeis que não há nesta ilha outra justiça, senão pintada? Ó Meirinho, lançai-me este bêbado pela porta afora, que nenhuma justiça tem no que me pede.<sup>30</sup>

Já no conto “Obras do diabinho da mão furada”, o judeu enfrenta destemidamente a censura católica e dispara:

Que outra cousa são, senão Diabos, os que estão em mortal ódio com seus próximos, sem quererem admitir reconciliação? Que outra cousa são, senão diabos, os que tiram a justiça a quem a tem para venderem a quem a compra? Que outra cousa são, senão diabos, os soberbos poderosos que por dá cá aquela palha vexam os humildes?<sup>31</sup>

Se Machado bebeu na filosofia de Pascal e Montaigne, como aponta Afrânio Coutinho,<sup>32</sup> com certeza, também, o “bruxo” bebeu nas águas de Espinosa. Afinal, foi para o escritor da *Ética* que Machado dedicou um poema. Entre a galhofa e a melancolia, Machado, também, tal qual Antônio José e Espinosa, apostou na alegria e no humor. Um humor que, ao longo de seus romances e contos, pouco a pouco foi se metamorfoseando até converter-se naquela fina ironia britânica na esteira de Swift e Sterne. Não por acaso que em *Ocidentais*, como aponta Manuel Bandeira, Machado “anunciou o pessimismo irônico e o estilo nu e seco, toda a filosofia e toda a técnica da segunda fase do escritor”.<sup>33</sup> Para Ricardo Forster, o marrano é “habitante de estranhas margens, viajante de interstícios heréticos, ambíguo por definição, constitui-se no sujeito do inaceitável”<sup>34</sup>. Assim, podemos dizer que Machado ao homenagear os marranos Espinosa e Antônio José em seus devaneios líricos tanto demonstrou compaixão para com as vidas trágicas destes dois escritores heréticos, como também profundo conhecimento de seus escritos ousados e polêmicos. Quem sai ganhando nesse jogo ambíguo da tragédia e da comédia é com certeza o leitor. O humor irônico de Machado e seu olhar cético sobre a humanidade tanto aponta para a liberdade de expressão e de confirmação da alegria, conforme enfatizada por Espinosa, como também indica para o *ridendo castigat mores* proposto por Antônio José.

-----

\* **Kênia Maria de Almeida Pereira** é Doutora em Literatura Brasileira e Professora de Literatura na Universidade Federal de Uberlândia. Organizou, entre outros títulos, *Obras do diabinho da mão furada de Antônio José da Silva, o Judeu*, em 2006. Coordena o LEJ- Laboratório dos estudos judaicos.

---

## Notas

- <sup>1</sup> BANDEIRA, Manuel. O poeta. In: ASSIS, Machado. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. 3. p. 11.
- <sup>2</sup> SANDMANN, Marcelo Corrêa. A poesia narrativa de Machado de Assis: Pálida Elvira, estudo de um caso. *Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC - tessituras, interações, convergências*. São Paulo: USP: 2008. p. 1.
- <sup>3</sup> HOUAISS, Antônio. *Estudos vários sobre palavras, livros, autores*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 204.
- <sup>4</sup> CURVELLO, Mário. Falsete à poesia de Machado de Assis. In: BOSI, Alfredo. *Machado de Assis*. São Paulo: Ática, 1982. p. 477.
- <sup>5</sup> CURVELLO, 1982, p. 477.
- <sup>6</sup> AMPARO, Flávia Vieira da Silva do. *Sob o véu dos versos: o lugar da poesia na obra de Machado de Assis*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. p. 116-117.
- <sup>7</sup> NOVINSKY, Anita. *O olhar judaico em Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1990. p. 8.
- <sup>8</sup> NOVINSKY, 1990, p. 22.
- <sup>9</sup> ASSIS, MACHADO DE ASSIS. *Obra completa*. (Organizado por Afrânio Coutinho). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 162-163.
- <sup>10</sup> ANDRADE, Mário de. Machado de Assis. In: \_\_\_\_\_. *Aspectos da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002. p. 116.
- <sup>11</sup> ASSIS, *Obra completa*, p. 531.
- <sup>12</sup> ASSIS, *Obra completa*, p. 455.
- <sup>13</sup> ASSIS, *Obra completa*, p. 505.
- <sup>14</sup> ASSIS, *Obra completa*, p. 668.
- <sup>15</sup> ASSIS, *Obra completa*, p. 668.
- <sup>16</sup> ASSIS, *Obra completa*, p. 163.
- <sup>17</sup> COLERUS, João. *Vida de Bento de Espinosa*. Vidigueira: Câmara Municipal de Vidigueira, 2000. p. 15.
- <sup>18</sup> CHAUI, Marilena. Vida e obra. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Espinosa*. (Pensamentos metafísicos. Tratado da correção do intelecto. Tratado político, parte da Correspondência). São Paulo: Nova Cultural, 1997. p. 5-20. Coleção Os pensadores.
- <sup>19</sup> CHAUI, Vida e obra, p. 7.
- <sup>20</sup> SCRUTON, Roger. *Espinosa*. São Paulo: UNESP, 2000. p. 6.
- <sup>21</sup> DAMÁSIO, António R. *Em busca de Espinosa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 16.
- <sup>22</sup> CHAUI, Marilena. *Espinosa: uma filosofia da liberdade*. São Paulo: Moderna, 2001. p. 80-81.
- <sup>23</sup> DELEUZE, Gilles. *Espinosa: filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002.
- <sup>24</sup> SCRUTON, *Espinosa*, p. 6.
- <sup>25</sup> LEAL, Cláudio Murilo (Org.). *Toda poesia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Record, 2008. p. 15.
- <sup>26</sup> CHAUI, *Espinosa*, p. 37.
- <sup>27</sup> SPINOZA, Benedictus de. *Ética*. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p. 184.
- <sup>28</sup> OLIVEIRA, Wanderley C. Espinosa: um pedagogo da alegria? *Revista Eletrônica Metavóia*, São João Del Rei: Funrei, n. 2, p. 50, jul. 2000. Disponível em: <[http://www.ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/lable/revistametanoia\\_material\\_revisto/revista02/texto06\\_pedagogia\\_espinosa.pdf](http://www.ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/lable/revistametanoia_material_revisto/revista02/texto06_pedagogia_espinosa.pdf)>. Acesso em: 22 ago. 2012.
- <sup>29</sup> FORSTER, Ricardo. *A ficção marrana: uma antecipação das estéticas pós-modernas*. Belo Horizonte: UFMG, 2006. p. 53.



---

<sup>30</sup> SILVA, António José da. *Obras Completas*. Lisboa: Sá da Costa, 1957-1958. 4 v. p. 92.

<sup>31</sup> SILVA, Antônio José da. *Obras do diabinho da mão furada*. Prefácio e notas de José Pereira Tavares. Lisboa: Sá da Costa, 1958. v. IV. p. 311.

<sup>32</sup> COUTINHO, Afrânio. A formação filosófica e a atitude espiritual. *Machado de Assis em linha*: revista eletrônica de estudos machadianos, Rio de Janeiro, ano 4, n. 7, jun. 2011. p. 1-28. Disponível em: <<http://machadodeassis.net/download/numero07/num07artigo01.pdf> > Acesso em: 22 ago. 2012.

<sup>33</sup> BANDEIRA, Manuel. O poeta. In: ASSIS, *Obra completa*, p. 11.

<sup>34</sup> FORSTER, 2006, p. 21.